

# Ciclo Intermediário



## INTRODUÇÃO



**OBJETIVOS DO MÓDULO**



**METODOLOGIA DE TRABALHO**



**CRÉDITOS**

## ETAPAS DO MÓDULO



**CONTEXTO DE PRODUÇÃO E GÊNERO  
1ª SEMANA/5H**



**GÊNEROS IMPRESSOS E SUAS PECULIARIDADES  
2ª SEMANA/5H**



**FORMANDO LEITORES E AUTORES  
3ª SEMANA/5H**

## Objetivos

- Propiciar uma visão geral dos gêneros textuais.
- Promover o conhecimento de alguns gêneros textuais da mídia impressa e de suas especificidades.
- Favorecer a reflexão sobre seu uso em práticas didático-pedagógicas.
- Estimular a criação de atividades de leitura e produção de textos da mídia impressa fundamentada na noção de gênero textual.



## Metodologia

Em cada uma das três etapas deste módulo, você encontrará leituras, momentos de reflexão, atividades individuais e em grupo. Além disso, será convidado a debater sobre suas reflexões com seus colegas, através das **Ferramentas Fórum e Bate Papo**, além de produzir e publicar textos e/ou mapas, gráficos e tabelas nas **Ferramentas Diário de Bordo e Biblioteca do Aluno**.

É importante notar que este módulo, assim como em todos os outros que compõem o **Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação**, se dá em um ambiente virtual. Isto significa que você constrói seu aprendizado em autonomia e em interação tanto com o conteúdo do módulo, quanto com os outros participantes (colegas e tutor). Dessa forma, tente participar ativamente das atividades agendadas, e não hesite em contatar seus colegas e o tutor responsável pelo seu grupo.

Como nos demais módulos, a avaliação do **Módulo de Gêneros Textuais Impressos** é continuada e levará em conta, nas três etapas, a qualidade dos trabalhos individuais e em grupo, a participação nas discussões síncronas e assíncronas e o aprofundamento e desenvolvimento das reflexões do aluno durante o desenrolar do módulo. A realização das atividades propostas será acompanhada pelo tutor que irá considerá-las não apenas quantitativamente, mas também pela qualidade das interações, das idéias e opiniões do aluno. Esses dados auxiliarão o tutor na composição do perfil do aprendiz e composição do conceito final, que será aferido segundo critérios estabelecidos pela Instituição que oferece o curso.

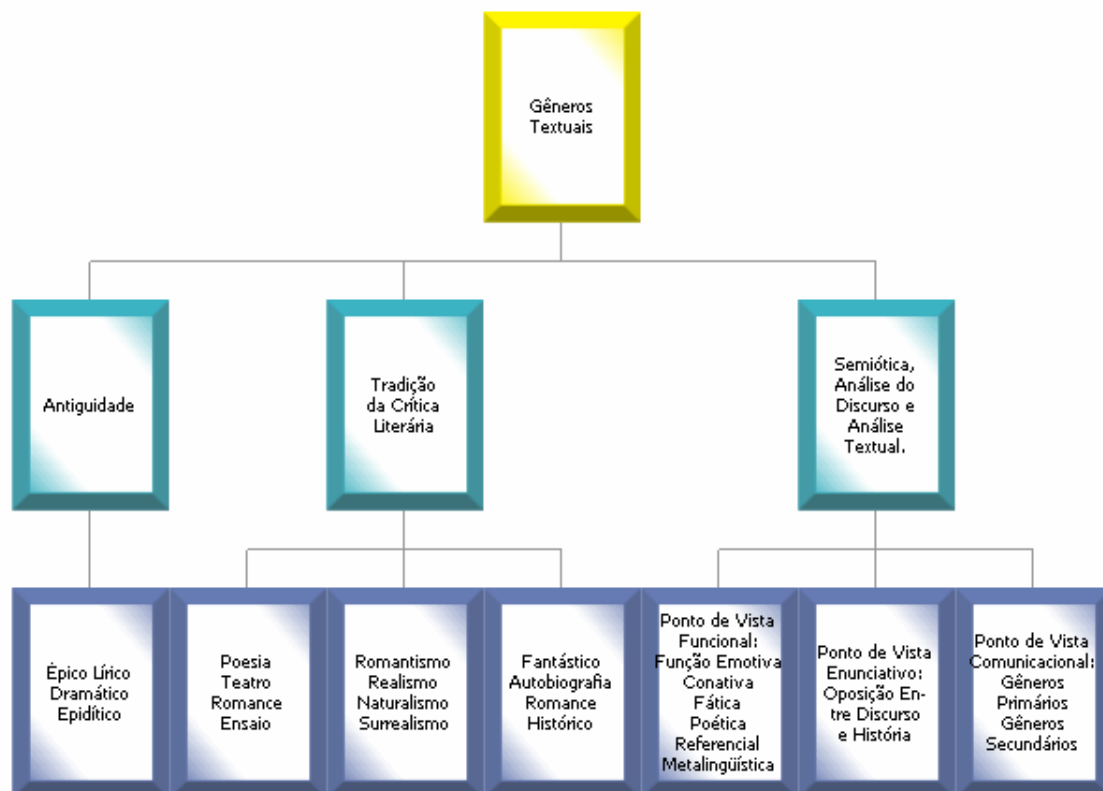
O E-Proinfo guarda registro de todas as participações de tutores e alunos, em todas as sessões. Esses registros servem como parâmetro para o acompanhamento da participação dos alunos e de seu processo de aprendizagem.

**Bom proveito!**

## Módulo 3 – GÊNEROS TEXTUAIS IMPRESSOS

### 1º Etapa: Contexto de Produção e Gêneros – *íntegra do texto*

## GÊNERO DE DISCURSO



A noção de gênero remonta à **Antiguidade**. Posteriormente, é retomada pela **tradição da crítica literária** que classifica as produções escritas segundo certas características: formais (poesia, romance etc.) ou estético-culturais (romantismo, realismo etc.). Já no **uso corrente**, ela é um meio para o indivíduo localizar-se no conjunto das produções textuais existentes no mercado editorial (autobiografia, romance histórico etc.). Finalmente, a noção de gênero é estudada pela **lingüística contemporânea**, sobretudo por disciplinas como a Análise de Discurso e Análise textual.

Na **Antiguidade**, coexistiram dois tipos de atividade discursiva. O primeiro nasceu na Grécia pré-arcaica e corresponde ao fazer dos poetas que eram encarregados de representar o papel de intermediários entre os deuses e os humanos, de um lado celebrando os heróis, de outro interpretando os enigmas que os deuses enviavam aos humanos. Assim, foram codificados gêneros tais como: o épico, o lírico, o dramático, o epidítico etc. O segundo teve nascimento na Grécia clássica e desenvolveu-se na Roma de Cícero. Surgiu como resposta às necessidades de gerir a vida da cidade e os conflitos comerciais, fazendo da fala pública um instrumento de deliberação e de persuasão jurídica e política.

Na **tradição literária**, presume-se que o gênero pode permitir a seleção e classificação dos diferentes textos literários que pertencem à prosa ou à poesia. Isso se deu ao longo dessa tradição literária, segundo critérios que nem sempre são da mesma natureza.

1. Critérios ao mesmo tempo de composição, de forma e de conteúdo que distinguem os gêneros: poesia, teatro, romance, ensaio. Depois, no interior desses: poesia (soneto, ode, balada, madrigal etc); narrativa (épico, elegíaco etc.); teatro (tragédia, drama, comédia etc.).
2. Critérios que remetem a diferentes modos de conceber a **representação da realidade**, definidos por meio de textos ou manifestos, tendo por função fundar Escolas, e que corresponderam a períodos históricos: os gêneros romântico, realista, naturalista, surrealista etc.

O problema apresentado por essas classificações é que um mesmo tipo de texto pode acumular vários desses critérios de modo homogêneo (a tragédia, no século XVII, sob forma teatral, com estrutura particular) ou heterogêneo (o fantástico que se encontra em diferentes épocas, sob diferentes formas, em diferentes estruturas).

Em **semiótica, análise do discurso e análise textual**, encontra-se de novo essa noção aplicada igualmente aos textos não literários. Mas aqui, diferentes definições se opõem, cada uma filiando-se a posicionamentos teóricos diversos. Embora as fronteiras que delimitam esses diferentes posicionamentos sejam tênues, é possível distinguir vários pontos de vista.

1. **Funcional:** procura estabelecer funções com base na atividade linguageira. Há classificações baseadas no esquema da comunicação, propostas por Jakobson (1963): função emotiva, conativa, fática, poética, referencial e metalingüística.
2. **Enunciativo:** iniciado por Benveniste (1966), apóia-se no "aparelho formal da enunciação" e propõe uma oposição entre discurso e história (e/ou discurso X narrativa).
3. **Comunicacional:** para Bakhtin (1984), por exemplo, os gêneros dependem da "natureza comunicacional" da troca verbal, o que lhe permite distinguir duas grandes categorias de base: produções "naturais", espontâneas, pertencentes aos "gêneros primários" (aqueles da vida cotidiana), e produções "construídas", institucionalizadas, pertencentes aos "gêneros secundários" (aquelas produções elaboradas, literárias, científicas etc.) que derivariam dos primários.

A diversidade dos pontos de vista mostra a complexidade da questão dos gêneros, incluindo as denominações, já que alguns falam de “gêneros de discurso”, outros de “gêneros de textos”, outros ainda de “tipos de textos”.



### **Não esquecer!**

Para definir a **noção de gêneros**, leva-se em conta: a ancoragem social do discurso, sua natureza comunicacional, as regularidades composicionais dos textos ou ainda suas características formais. Podemos pensar que esses diferentes aspectos estão ligados, o que cria, aliás, afinidades em torno de duas orientações principais: a que está mais voltada para os textos, justificando a denominação **gênero de texto**, e a mais voltada para as condições de produção do discurso, que justifica a denominação **gênero do discurso**.

### **Referências Bibliográficas**

BAKHTIN, Mikail. **Esthétique de la création verbale**. Paris: Gallimard, 1984.

BENVENISTE, Émile. **Problèmes de Linguistique Générale I**. Paris: Gallimard, 1966.

JAKOBSON, Roman. **Essais de Linguistique Générale**. Paris: Minuit, 1963.

## Módulo 3 – GÊNEROS TEXTUAIS IMPRESSOS

### 1º Etapa: Contexto de Produção e Gênero – *íntegra do texto*

## LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS NA ESCOLA

O ensino de línguas mudou. Ou melhor, tem procurado abandonar velhas concepções como a de que aprender língua é, sobretudo, aprender regras e normas. Hoje, compreende-se melhor o funcionamento da linguagem graças aos estudos produzidos por diversas teorias nas últimas décadas, como a teoria do discurso, da [enunciação e da lingüística textual](#). A relevância agora é dada à interação de sujeitos através da linguagem, e o texto é expressão dela. As condições de produção do texto, como o seu contexto sócio-histórico, não podem, portanto, ser desconsideradas.

Pop-up: [enunciação e lingüística textual](#)

**Enunciação:** segundo Benveniste, a enunciação é a colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização.

**Discurso:** o termo “discurso”, nas ciências da linguagem, apresenta-se tanto no singular (“o domínio do discurso”, “a análise do discurso” ...), quanto no plural (“os discursos inscrevem-se em contextos”...), segundo a referência seja à atividade verbal em geral ou a cada evento de fala. A proliferação desse termo é o sintoma de uma modificação no modo de conceber a linguagem. Falando de “discurso”, toma-se implicitamente posição contra uma certa concepção da linguagem e da semântica. Essa modificação, em grande parte, resulta da influência de diversas correntes pragmáticas.

**Lingüística do texto:** ao lado da lingüística da língua, explica a coesão e a coerência dos textos. No interior da lingüística textual podem ser associados os trabalhos sobre a macrossintaxe, as anáforas, os conectores, os tempos verbais, a elipse, as construções destacadas.



### E agora você!

Após a leitura do parágrafo acima, reflita sobre como se desenvolve o trabalho de leitura e produção de texto em sala de aula na sua escola de forma geral, isto é, não só na sua disciplina.

Veja a seguir o que Honoralice de Araújo Mattos Paolinelli (UNINCOR) e Sérgio Roberto Costa (UNINCOR) dizem sobre o trabalho didático de produção textual, no artigo “Práticas de leitura/escrita em sala de aula”, disponível em:

<http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno09-13.html>.

Ensinar a ler é uma tarefa de todo professor, não sendo exclusividade do de Língua Portuguesa, quase sempre responsabilizado pela dificuldade do aluno de interpretar questões de outras disciplinas. O desconhecimento do que seja leitura e dos processos **sócio-cognitivos** nela envolvidos leva as pessoas a construírem um conceito limitado desta ação de linguagem.

Pop-up: **sócio-cognitivo**

**Processo Sócio-Cognitivo:** é relativo ao processo mental de percepção, memória, juízo e/ou raciocínio. Diz-se dos princípios classificatórios derivados de constatações, percepções e/ou ações que norteiam a passagem das representações simbólicas à experiência, da sua organização hierárquica e da utilização no pensamento e linguagem daqueles mesmos princípios.

A noção textual usualmente presente na escola empobrece o trabalho com a leitura/escrita, pelo fato de tratar de maneira idêntica qualquer texto, desconsiderando suas especificidades e intenções.

No ambiente escolar, o texto é abordado como um produto, ignorando-se, assim, a dinamicidade de seu processo de significação, que inclui a consideração de estruturas, de **conhecimentos prévios partilhados**, de múltiplos **recursos semióticos**, como a imagem e, ainda, as condições de produção: o **contexto**, os sujeitos envolvidos nessa ação de linguagem, as **intenções comunicativas**, o meio de circulação do texto

Pop-up

**RECURSO SEMIÓTICO:** faz uso dos recursos disponibilizados pela teoria geral das representações, que leva em conta os signos sob todas as formas e manifestações que assumem (lingüísticas ou não), enfatizando especialmente a propriedade de convertibilidade recíproca entre os sistemas significantes que integram.

**CONHECIMENTOS PRÉVIOS PARTILHADOS:** já que o conhecimento de mundo é importante para o processo de compreensão do texto, emissor e receptor têm de ter conhecimentos de mundo com certo grau de similaridade para que possam se compreender. Isto vai constituir o conhecimento partilhado que determina a estrutura informacional do texto.

**CONTEXTO:** conjunto das condições sociais que pode ser levado em consideração para estudar as relações que existem entre o comportamento social e o comportamento lingüístico; é muitas vezes designado como o contexto social de uso da língua. Diz-se também contexto situacional, contexto de situação: dados comuns ao emissor e ao receptor na situação cultural e psicológica, as experiências e conhecimentos de cada um dos dois.

**INTENÇÕES COMUNICATIVAS:** Segundo determinadas correntes lingüísticas, como a Pragmática por exemplo, em uma interação verbal, há sempre por parte do locutor uma intenção comunicativa: identificar um objeto, pedir permissão, dar uma ordem, etc.

Apesar do surgimento das novas teorias que sustentam a produção textual, a partir dos anos 80, a qualidade das redações dos alunos pouco alterou. Os textos continuam artificiais, padronizados, mal seqüenciados, intraduzíveis e fora de seu contexto de produção.

Para que haja mudança no quadro é necessário que o professor passe a olhar a produção escrita do aluno não atrás de erros, atentando apenas para a linearidade do texto, mas buscando ver o significado e as formas de construção desse significado.

A escola é tomada como um autêntico lugar de comunicação e as situações escolares como ocasiões de produção/recepção de textos. Portanto, no ambiente escolar, a produção de textos deve inserir-se num processo de interlocução, o que implica a realização de uma série de atividades mentais - de planejamento e de execução - que não são lineares nem estanques, mas recursivas e interdependentes.



## GÊNEROS TEXTUAIS

Inúmeras realizações empíricas de texto – crônica, carta, resumo, monografia, receita etc.



### Você sabia que...

a definição de gêneros textuais varia conforme o momento histórico, a concepção de linguagem e a visão de cada teórico? Leia mais sobre esse assunto no artigo "Sobre gêneros textuais" de Marcos Baltar, disponível em: <http://hermes.ucs.br/cchc/dele/ucs-produtores/pages/sobregeneros.htm>.

A leitura compreensiva de um texto também é construída pelo conhecimento e experiência de gênero textual. Dentre outros aspectos, o gênero textual tem caráter simbólico e o texto pode produzir sentido em função do gênero a que pertence ou com o qual dialoga. Veja como, magistralmente, o poeta moçambicano Reinaldo Ferreira subverteu o gênero textual "receita culinária", no seu poema.

### RECEITA DE HERÓI

Tome-se um homem  
Feito de nada, como nós  
Em tamanho natural.  
Embeba-se-lhe a carne  
Lentamente  
De uma certeza aguda, irracional,  
Intensa como o ódio  
Ou como a fome  
Depois, perto do fim,  
Agite-se um pendão  
E toque-se um clarim.  
Serve-se morto

Como colocam Honoralice Paolinelli e Sérgio Costa, no artigo citado acima,

"É impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto." Essa posição defendida por Bakhtin (1997) e também por Bronckart (1999) é adotada pela maioria dos autores que tratam a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos e não em suas peculiaridades formais. Essa visão segue uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva.

É nesse contexto que os gêneros textuais se constituem como ações sócio-discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo. O trabalho com gêneros textuais é uma excelente oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos no dia-a-dia, pois nada do que fizermos lingüisticamente está fora de ser um gênero.

Leia a seguir o artigo "Os gêneros textuais no livro didático" de Fabiano Mesquita de Sousa (2003), disponível em:

[http://www.c7s.com.br/laboratorios/redacao/?menu=artigos&id\\_evento=311](http://www.c7s.com.br/laboratorios/redacao/?menu=artigos&id_evento=311).

## **Gênero e Tipo Textual**

Ainda no artigo Práticas de leitura/escrita em sala de aula, Honoralice Paolinelli e Sérgio Costa também esclarecem sobre **gênero textual e tipo textual**.

No trabalho com produção de textos é importante ainda fazer-se uma distinção entre gêneros textuais e tipos textuais.

O primeiro é usado para designar uma espécie de construção teórica definida pela natureza lingüística de sua composição, ou seja, aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas. Cada tipo textual possui pistas lingüístico-discursivas características e as seqüências lingüísticas são norteadoras.

Já a expressão gênero textual refere-se a textos materializados, encontrados em nossa vida diária e que representam características sócio-comunicativas definidas por seus conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição próprios.

Enquanto os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros, devido à enorme diversidade das atividades enunciativo-discursivas das esferas sociais, ou seja, domínios discursivos. Esses domínios não são textos nem discursos, mas propiciam o surgimento de discursos bem específicos. Assim, falamos em discurso religioso, discurso jurídico, discurso jornalístico. As atividades sociais é que dão origem a vários deles, constituindo práticas discursivas dentro das quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais. Os domínios discursivos são as grandes esferas da atividade humana em que os textos circulam.

Para aprender a escrever um gênero determinado de texto é necessário que os alunos sejam postos em contato com um corpus textual desse mesmo gênero, que lhes sirva de referência em situações de comunicação bem definidas e reais.

É função de o professor fornecer ao aluno condições adequadas de elaboração, permitindo-lhe empenhar-se na realização consciente de um trabalho lingüístico que realmente tenha sentido para si, e isso só é conseguido à medida que a proposição de produção textual seja bem clara e definida, apresentando-se as "coordenadas" do contexto de produção. É necessário que o aprendiz possa sentir que realmente está produzindo para um leitor (que não deve ser apenas o professor), eliminando a exclusividade das situações artificiais de produção textual tão presentes no cotidiano da escola.



### **E agora você!**

Antes de iniciar a próxima etapa, anote e relacione o que você entende por tipo textual e gênero textual. Pense em alguns exemplos.



### **Não esquecer!**

- Atualmente, para o ensino de línguas, a relevância é dada à interação de sujeitos através da linguagem, e o texto é expressão dela.
- Hoje, a abordagem do texto em sala considera questões como o estudo de estruturas, de recursos semióticos (imagens), de conhecimentos prévios partilhados e, ainda, das condições de produção (contexto, sujeitos envolvidos, intenções comunicativas, meio de circulação).
- A leitura de um texto é construída pelo conhecimento e experiência de gênero textual.
- É função de o professor favorecer o contato dos alunos com os diversos gêneros textuais, para que tenham conhecimento de situações de comunicação reais e bem definidas.

## Sitografia

BALTAR, Marcos. **Sobre gêneros textuais.**

Disponível em: <http://hermes.ucs.br/cchc/dele/ucs-produttore/pages/sobregeneros.htm>.

Acesso em: 19 jul. 2006.

FERREIRA, Reinaldo. **Poemas.**

Disponível em: [www.astormentas.com/reinaldo.htm](http://www.astormentas.com/reinaldo.htm).

Acesso em: 19 jul. 2006.

PAOLINELLI, Honoralice de Araújo M.; COSTA Sérgio Roberto. **Práticas de leitura/escrita em sala de aula.**

Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno09-13.html>

Acesso em: 18 jul 2006.

SOUSA, Fabiano Mesquita. Os Gêneros Textuais no Livro Didático.

Disponível em: [http://www.c7s.com.br/laboratorios/redacao/?menu=artigos&id\\_evento=311](http://www.c7s.com.br/laboratorios/redacao/?menu=artigos&id_evento=311).

Publicado em: 20 out. 2003. Acesso em: 19 jul. 2006.

## Módulo 3 – GÊNEROS TEXTUAIS IMPRESSOS

### 2º Etapa: Gêneros Impressos e suas Peculiaridades – *Íntegra do texto*

## GÊNEROS IMPRESSOS E SUAS PECULIARIDADES

### Afinal, para que serve a noção de gênero?

A noção de gênero textual é importante para uma boa interpretação e produção de texto. Na verdade, a estrutura de todo texto é determinada, em grande parte, pela situação de comunicação: quem escreve, para quem, com que intuito, em que tipo de suporte (papel, rádio, TV, internet).

Essas condições de produção, em última análise, determinam o vocabulário, a estrutura do texto como um todo, a estrutura sintática, o tom (mais ou menos formal) e, até mesmo, o tipo de códigos que utiliza (apenas texto, texto acompanhado de imagens, gráficos etc.). É nesse sentido que atividades como “discorra sobre determinado tema”, por exemplo, são pouco produtivas, pois carecem de prévia identificação de gênero.

Da mesma forma, para se interpretar um texto, a identificação de sua função social (para que serve, com que finalidade foi escrito, por quem, para quem, de que lugar...) é condição para sua leitura.



#### Você sabia que...

para o leitor/autor, o fato de conhecer vários gêneros de discurso é um fator de economia cognitiva? A esse respeito, leia o trecho traduzido de [Esthétique de la création verbale](#) (BAKTHIN, 1984, p. 285).

Pop-up: [Esthétique de la création verbale](#)

#### Gênero para Bakhtin (1984, p.285)

“Aprendemos a moldar nossa fala pelas formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos logo, desde as primeiras palavras, descobrir seu gênero, adivinhar seu volume, a estrutura composicional usada, prever o final. Em outras palavras, desde o início somos sensíveis ao todo discursivo [...] Se os gêneros de discurso não existissem e se não tivéssemos o domínio deles e fôssemos obrigados a inventá-los a cada vez no processo da fala, se fôssemos obrigados a construir cada um de nossos enunciados, a troca verbal seria impossível”.

Dessa forma, para se interpretar bem um texto, é preciso conhecer previamente seu gênero. Por isso, é papel importante da escola colocar os alunos em contato com o maior número de gêneros possível. Quanto mais se lê, e de preferência produções de diferentes gêneros, mais fácil será entender e interpretar um novo escrito: enriquece-se o vocabulário e aumenta-se o conhecimento. A intertextualidade (texto que remete e/ou dialoga com outros textos) será facilmente identificada tornando mais rica a leitura.

## A mídia impressa e seus gêneros

Como você viu na primeira etapa, existem muitas classificações para os gêneros textuais baseadas em diferentes critérios. Ainda que os gêneros textuais não possam ser considerados como formas estáticas para que nelas encaixemos nossos textos, existem gêneros textuais próprios a determinados setores da sociedade, tais como a mídia impressa, que possuem algumas características comuns bem definidas.



### E agora você!

Existem alguns gêneros textuais típicos da escola, das empresas, das associações etc. Você saberia indicar alguns dos gêneros de texto relacionados à escola? Reflita sobre isso e continue sua leitura.

## Gêneros textuais da mídia impressa

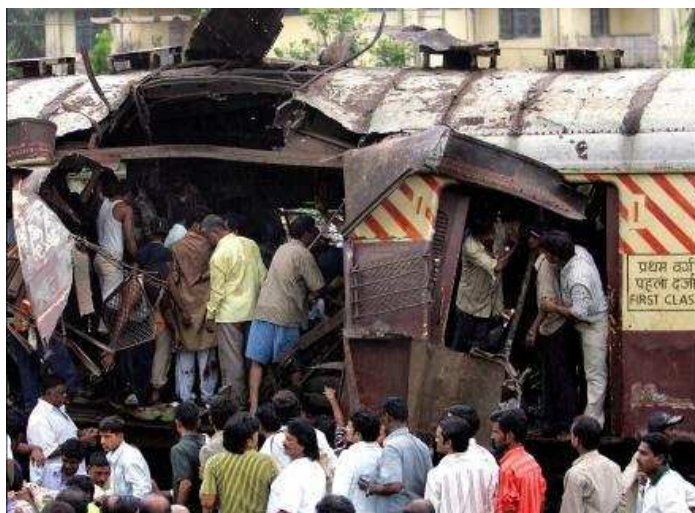
### Notícia

Relato de fatos ou acontecimentos atuais. Possui pouco ou nenhum comentário pessoal ou opinião. Para atrair a atenção de quem lê, as manchetes são chamativas e curtas. Frequentemente, no primeiro parágrafo do texto, tem-se a lide: um resumo das informações essenciais do fato noticiado que responde às perguntas o quê, quem, como, onde, quando, por quê.

[Veja exemplo.](#)

Pop-up: [Exemplo Notícia](#)

## Bombas em trens matam 179 na Índia



Indianos procuram corpos de vítimas em vagão de um dos trens atingidos por explosões numa estação ferroviária em Mumbai.

Uma série de oito explosões em trens suburbanos mataram ao menos 179 pessoas e feriram cerca de 660 em Mumbai (antiga Bombaim), centro econômico da Índia.

Foi o pior ataque terrorista no país desde 1993. A maioria das vítimas nos trens foi ferida na cabeça e no tórax, fazendo supor que as bombas estivessem em compartimentos de bagagens.

**Folha de São Paulo.** Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/>. Acesso em: 12 jul. 2006.

### Reportagem

Relato de fatos de interesse do público, com acréscimo de entrevistas e comentários, proporcionando uma visão mais ampla do assunto. Pode apresentar interpretações e opiniões do autor, muitas vezes baseadas em estatísticas, depoimentos e comparações. [Veja exemplo.](#)

Pop-up: [Exemplo Reportagem](#)

#### **COTIDIANO**

##### **Capacitação para a defesa ambiental**

Cidade de Manuel Urbano recebe primeiro treinamento de Agentes Ambientais Voluntários do Acre.

Começou no último dia 8, em Manuel Urbano, a capacitação de 21 agentes ambientais voluntários (AAV). Primeira capacitação do gênero no Estado, é realizada pelo Ibama e tem o apoio das colônias de pescadores de Manuel Urbano e Sena Madureira, assim como da Seater (Secretaria da Assistência Técnica e Extensão Rural) e da ONG ambientalista WWF-Brasil. O treinamento, que se estende até o dia 15 de julho, conta com a contribuição de Juliana Simões, coordenadora do Comitê Gestor do Programa Agentes Ambientais Voluntários, do Ibama, sediado em Brasília.

Os agentes durante o treinamento terão noções sobre o manejo de pesca, legislação e monitoramento ambiental e sobre as formas de abordagem e mobilização da comunidade para ações de educação ambiental. Mas o trabalho não acaba por aí. Após o treinamento, os agentes recém-formados passarão por um período de monitoramento de aproximadamente três meses, realizado pelo Ibama para avaliar seu desempenho e

atuação, e só depois de aprovados recebem a Carteira de AAV.

Os agentes ambientais voluntários têm grande importância na conservação do meio ambiente - nesse caso, na conservação dos lagos do alto Purus. Além de apoiarem o Ibama nas ações de fiscalização, monitoramento e mobilização comunitária, os agentes são pessoas fundamentais para o envolvimento da comunidade na gestão dos seis acordos de pesca vigentes nos municípios de Sena Madureira e Manuel Urbano. "Os AVVs, como estão mais próximos das áreas de conservação, têm melhores condições de avaliar a situação das pescarias, do estoque pesqueiro e a efetividade dos acordos de pesca", afirma Antonio Oviedo, coordenador do programa de várzeas do WWF-Brasil. Outro aspecto importante é a fiscalização dos lagos que não têm acordos de pesca, no sentido do cumprimento da legislação ambiental.

A seleção dos 21 agentes a serem treinados foi feita a partir do diagnóstico participativo realizado nas comunidades envolvidas no Projeto Purus e nos fóruns de pesca. Conforme as ações do Projeto Alto Purus foram sendo implementadas, foi possível identificar pescadores e lideranças interessados na participação e apoio do manejo da pesca. Essas lideranças são "agentes naturais". A seleção também teve como critério a posição geográfica dos agentes, para que quando atuando, possam cobrir toda a região do projeto Alto Purus especialmente as regiões ou lagos onde existem acordos de pesca regulamentados pelo Ibama.

O treinamento dos agentes é apenas o primeiro passo para a conservação dos lagos. Em seguida é preciso oferecer estrutura para o trabalho, como barcos, rádios e coletes além de posteriormente aprofundar a capacitação em relação aos indicadores e métodos de monitoramento do estoque pesqueiro. O importante é perceber a importância de ações como essa e, principalmente, perceber a importância da participação da sociedade na conservação do meio ambiente e dos recursos naturais.

**PÁGINA 20.** Disponível em:

[http://www2.uol.com.br/pagina20/12072006/c\\_0612072006.htm](http://www2.uol.com.br/pagina20/12072006/c_0612072006.htm). Acesso em: 14 jul. 2006.

## Entrevista

Tem como objetivo registrar o depoimento de um indivíduo ou de um grupo de pessoas sobre um determinado acontecimento. Pode acompanhar uma reportagem, visando dar-lhe veracidade, ou ocorrer de forma isolada. Para tanto, é organizada na forma de perguntas e respostas.

[Veja exemplo.](#)

Pop-up: [Exemplo Entrevista](#)

**ELIBIO RECH**

**Transgenia sem mitos**

**Para pesquisador da Embrapa, Brasil precisa investir em biotecnologia se quiser manter competitividade internacional**

Gustavo Laredo



DIVULGAÇÃO

O engenheiro agrônomo Elibio Rech faz parte da nata da pesquisa científica no Brasil. Nascido em 1946 na cidade do Rio de Janeiro, graduou-se bacharel pela Universidade de Brasília, onde logo emendou um mestrado em fitopatologia. Cruzou o oceano para obter o título de Doutor em Genética Molecular e Celular pela Universidade de Nottingham, na Inglaterra. É pesquisador da área de Biologia Molecular da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia onde, junto a seus pares, desenvolveu as primeiras plantas transgênicas de soja e feijão. É também conselheiro do CIB - Conselho de Informações sobre Biotecnologia. Em entrevista à GLOBO RURAL ele explica por que é um defensor da evolução da ciência por meio da tecnologia do DNA recombinante.

**Globo Rural** - O uso comercial de espécies vegetais transgênicas no mundo já tem cerca de dez anos. Os conceitos sobre OGM's - Organismos Geneticamente Modificados, mudaram nesse meio tempo?

**Elibio Rech** - Bastante. A cada ano que passa existem mais evidências de que a utilização desses produtos não causa qualquer mal à saúde humana, animal ou ao meio ambiente. Quando essa tecnologia foi criada e desenvolvida pelos cientistas, sugerimos que fossem criados mecanismos e comissões que regulamentassem sua manipulação. Desde o início, sabíamos exatamente o que estávamos fazendo e as implicações disso. E, obviamente, não havia nenhuma previsão ou expectativa de riscos impactantes maléficis.

**GR** - Os produtos, então, são seguros para o consumo humano?

**Rech** - Sem dúvida. A posição da FAO [Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação] é muito clara: não existem evidências de que o consumo desses alimentos possa causar qualquer malefício à saúde humana.

**GR** - Esse seria, então, um mito derrubado?

**Rech** - Não houve mito derrubado porque não existia nenhum. Trabalho com engenharia genética desde o início dos anos 80 e a hipótese dela é de uma tecnologia extremamente limpa. O que nós fazemos? Nós simplesmente isolamos uma característica única e introduzimos dentro da variedade que nós queremos. Isso acelera muito a obtenção de um produto. Tudo o que nós comemos vem de programas de melhoramento. Baseado nesse fato, não existia nenhum mito que nos colocasse qualquer posição antagônica à utilização dessa tecnologia. Foram derrubadas posturas muitas vezes de ordem político-ideológica e associada a imbróglios judiciais.

**GR** - Como assim?

**Rech** - Foi uma lista de questões, mas basicamente que causavam deletérios para o meio ambiente e para a saúde humana, como câncer. Só que nada foi evidenciado.

**GR** - O Brasil ainda enfrenta problemas com organismos geneticamente modificados, como foi o caso da soja e do algodão. Enquanto isso, para onde caminham os experimentos envolvendo transgênicos em outros países?

**Rech** - Está tudo caminhando, inclusive no Brasil. A questão que existe aqui é da liberação [das pesquisas] de campo e da comercialização. Nós esperamos que nos próximos meses a lei de Biossegurança seja aprovada de forma que beneficie a utilização dessa tecnologia para um país que tem a sua economia baseada no agronegócio. É um imperativo para a manutenção da nossa competitividade no mercado externo e interno.

**GR** - Mas a biotecnologia no Brasil está atrasada em relação ao restante do mundo?

**Rech** - Nós estamos atrasados em termos de comercialização de produtos ligados ao agronegócio. Produtos de origem farmacêutica são comercializados. A insulina que temos no mercado é recombinante, a vacina da hepatite-B é recombinante, vários medicamentos que são utilizados são transgênicos.

**GR** - Por que, então, esses produtos não causam tantos protestos quanto os alimentos transgênicos?

**Rech** - Exatamente. Do ponto de vista técnico, não faz sentido. É claro que tem a questão ambiental. Sem dúvida ela tem que ser vista e isso está dentro dos protocolos de avaliação dessa tecnologia. Agora, qual o impacto que tem a utilização de transgênicos? A nossa agricultura sem ter nenhuma introdução de tecnologia recombinante causa impacto ao meio ambiente. Essa tecnologia, na verdade, vai reduzir esses impactos através da diminuição na utilização de inseticidas e fungicidas.

**GR** - A ausência de leis dificulta a pesquisa com transgênicos?

**Rech** - Sem dúvida. É importante que sejam regulamentadas todas as atividades que são conduzidas para o desenvolvimento de um país. Não somente a lei de Biossegurança, mas a de Inovação Tecnológica é de fundamental importância para o avanço da tecnologia no Brasil. Esses são os dois pilares que vão dar a possibilidade da ciência nacional respirar e fazer cooperações com empresas privadas que têm recursos para traduzir essa tecnologia em produtos e benefícios à sociedade.

**GR** - O Ministério da Agricultura detectou algodão geneticamente modificado no Mato Grosso. Isto era de certa maneira esperado?

**Rech** - Está acontecendo o mesmo que ocorreu com a soja em 1996. O agricultor quer usar a tecnologia porque reduz o custo de produção. É poder de competitividade. As sementes [de soja] entraram no país de maneira ilegal porque não há regulamentação para a comercialização no Brasil.

**GR** - O fato de o Brasil ter sido o primeiro a fazer o mapeamento genético do café é uma vantagem comercial?

**Rech** - É porque, conhecendo o genoma, será possível descobrir várias características associadas ao café que vão possibilitar no futuro manipular não só em termos de quantidade, mas a qualidade desse produto.

**GR** - Há futuro para a agropecuária sem a biotecnologia?

**Rech** - Não em termos de grande produção porque vários países estão introduzindo essas tecnologias. Se o país tem a economia baseada no agronegócio, vai ter que introduzir essa tecnologia para poder ser competitivo. E não é só por isso. A biotecnologia vai permitir um agronegócio mais sustentável do ponto de vista ambiental também.

**Revista Globo Rural**

Disponível em: <http://revistagloborural.globo.com/GloboRural/0,,EEC805105-2344,00.html>. Acesso em: 12 jul. 2006.

## Editorial

Texto de opinião, escrito de maneira impessoal e publicado sem assinatura. Nele os editores do veículo (jornal, revista) expressam sua opinião acerca de diversos assuntos, sobretudo os mais

polêmicos e atuais da edição que acompanha. Possui estrutura semelhante à de um texto dissertativo e é de intenção persuasiva.

[Veja exemplo.](#)

Pop-up: [Exemplo Editorial](#)

### **Ficção e descaso**

O interminável atraso na votação do Orçamento para 2006 revela ao país que a irresponsabilidade, o descaso e o jogo de chantagens parecem não ter fim em Brasília. Mais de 100 dias transcorridos no ano, a União ainda não tem orçamento. Travado pela disputa entre governo e oposição, o documento que prevê as receitas e despesas da administração pública segue ignorado.

Até que o impasse seja superado e o Congresso resolva trabalhar pelo país, o governo só pode efetuar despesas consideradas obrigatórias, como o pagamento de servidores públicos. Está impedido de promover investimentos. As estatais também se submetem às regras previstas pela legislação. Para contornar essa restrição e compensar os sucessivos fracassos nas negociações com o Legislativo, o Palácio do Planalto tem recorrido ao atalho habitual: a edição de medidas provisórias para liberar verbas. Neste ano, editou nove MPs para liberar cerca de R\$ 28 bilhões em recursos previstos no Orçamento de 2006.

Eis o resultado: um país administrado pela caneta do presidente. Falta ao Planalto competência para mobilizar seus aliados e negociar com estados e grupos de pressão. É mais fácil e rápido administrar por meio de medidas provisórias. Mais fácil e menos democrático.

A constatação confirma uma fantasia histórica: o Orçamento é uma peça de ficção. Era quando imperavam a inflação e a falta de controle mínimo das contas públicas. Doze anos depois da estabilização da moeda, adquirida com o Plano Real, o Orçamento brasileiro mantém a sina. O enredo se repete todos os anos. A legislação exige a aprovação do Orçamento até o último dia do ano anterior. Nada se vota, nada se discute. Faz-se o relógio correr e usa-se a exigüidade do cronograma como uma poderosa arma de persuasão.

Mesmo depois de aprovado, o Orçamento não é cumprido, pois é "autorizativo" e não "impositivo": o governo não é obrigado a cumpri-lo integralmente. Convicto de estar diante de uma peça de ficção, o Congresso aprovou, nos últimos anos, as chamadas vinculações orçamentárias - obrigações de gastos com saúde, educação e aposentadoria. O gesto revelou-se bonito no papel mas inviável na prática.

Somadas as vinculações, o Orçamento tornou-se uma impossibilidade para o Executivo. Os recursos ficaram aprisionados, com destinação certa, sem sobras para o governo governar. Como os parlamentares aumentaram a despesa sem previsão de receita, a saída foi o contingenciamento, que dá ao governo a liberdade de gastar o que lhe manda o Orçamento.

Anualmente também se renovam as promessas de uma reforma capaz de devolver ao mundo real tais fantasias. A idéia repousa na mesma gaveta onde dormem outras iniciativas moralizadoras dos gastos do Estado. O Congresso parece mais preocupado com a própria horta de privilégios que cultiva com especial empenho. Nem depois de um ano repleto de escândalos estarrecedores - que expuseram as entranhas da máquina parlamentar - trouxe efeito positivo sobre o comportamento do Congresso.

Com a semana de trabalho mais curta do mundo e incontáveis benefícios, os parlamentares ignoraram o Orçamento durante a convocação extraordinária, em janeiro - quando os contribuintes foram convocados compulsoriamente para pagar a salgada conta de R\$ 100 milhões. Já estamos na metade do mês de abril. Em breve as atenções estarão voltadas para a Copa do Mundo. Depois será a vez das eleições. O ano estará perdido, e o

Brasil desperdiçará mais uma vez tempo, dinheiro e paciência. Para vencer tantas perdas, convém mudar - não só a lei orçamentária, mas os próprios representantes que tem.

**Jornal do Brasil. JBoonline.** Disponível em:

<http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/editorialistas/2006/04/14/joredl20060414001.html>.

Acesso: 12 jul. 2006.

### Artigo de opinião

Assim como o editorial, também é um texto de opinião. No entanto, não representa o posicionamento do veículo frente ao tema tratado, mas apenas a do autor que o assina.

[Veja exemplo.](#)

Pop-up: [Exemplo Artigo de Opinião](#)

11/07/2006

#### Vergonha dos paulistanos

Se a cidade de São Paulo fosse civilizada, estaríamos agora perplexos, em clima de escândalo, desses de deixar desorientadas as autoridades - mas nada disso está, nem remotamente, acontecendo.

Foi divulgado o ranking nacional dos testes de conhecimento em matemática e língua portuguesa. Ficamos abaixo de cidades muito mais pobres no Norte e Nordeste, como Teresina, Aracaju e Rio Branco. Não há justificativa para a posição de São Paulo, exceto a falta de empenho e seriedade com que se tratou cronicamente a transmissão de conhecimento entre os mais pobres.

Nós nos orgulhamos de ser uma cidade de ponta, com suas universidades, centros de pesquisa, empresas de tecnologia, do requinte da moda, da culinária, dos cinemas, dos teatros, dos museus. Somos sede das fundações empresariais voltadas à educação e das ONGs.

Mas não soubemos canalizar toda essa inteligência para cuidar mais e melhor das escolas, sem as quais não há inclusão social possível. Não soubemos acompanhar a interrupção de programas ao sabor das mudanças dos prefeitos e dos secretários, com sua vaidade autoral e brigas partidárias. Não soubemos ver que nenhuma criança consegue aprender em lugares com três turnos diurnos. Ou que muitas crianças não aprendem porque têm problemas básicos de saúde como anemia de ferro ou falta de óculos.

Deixamos a responsabilidade nas mãos dos governantes (o que é uma demonstração de irresponsabilidade). Deixamos a educação apenas nas mãos dos pedagogos e educadores e de suas corporações, quando deveria ser um tema de toda a coletividade, a começar dos pais.

Os brasileiros em geral deveriam sentir vergonha desse ranking, afinal fomos mal. Os paulistanos deveriam sentir ainda mais vergonha, pois poderíamos ter feito muito mais do que fizemos.

Se sentíssemos vergonha (o que não está acontecendo) já seria um bom começo



**Gilberto Dimenstein**, 48, é membro do Conselho Editorial da **Folha** e criador da ONG Cidade Escola Aprendiz. Coordena o site de jornalismo comunitário da **Folha**. Escreve para a **Folha Online** às terças-feiras.

## Crônica jornalística

Aborda assuntos e acontecimentos do dia-a-dia, apreendidos pela sensibilidade do cronista e desenvolvidos de forma pessoal. Contém traços de ironia e humor, pois seu objetivo principal é fazer uma crítica social ou política. Luís Fernando Veríssimo, João Ubaldo Ribeiro e Clovis Rossi são bons exemplos de cronistas.

[Veja exemplo.](#)

Pop-up: Exemplo Crônica Jornalística

07/06/2006 - 14h01

### Clóvis Rossi: Cadê a Copa?

CLÓVIS ROSSI

Colunista da **Folha**

Fácil, fácil, tem mais Copa do Mundo em São Paulo, nas ruas, TVs e jornais, do que em Munique, apesar de ser aqui que vai ser disputada, sexta-feira, a partida inaugural. Ainda por cima envolvendo a seleção local (contra a Costa Rica).

Até que se vendem algumas bandeiras, até que alguns curiosos (poucos) procuram o "Fanartikel", o quiosque montado na Marienplatz para vender artigos para fãs, como diz o nome, tudo oficial (e caro). E a Marienplatz é simplesmente o principal ponto de concentração de turistas, em especial às 11h, 12h e 17h, quando soa o carrilhão animado da Nova Prefeitura.

Não é que o alemão seja frio. O alemão é apaixonado pelo futebol em especial na Baviera, terra do Bayern, o time da Alemanha que tem a mais rica história internacional.

O problema é que o brasileiro é apaixonado demais por futebol. Não, não é só palpite, não. Pesquisa da própria Fifa, associada ao cartão Mastercard, mostrou que o brasileiro tem o maior nível de paixão pela seleção e, por extensão, a maior propensão a gastar para segui-la.

Setenta e sete por cento dos brasileiros são torcedores "ávidos", à frente dos de todos os demais nove países pesquisados.

Talvez porque o futebol é a única atividade em que o brasileiro é o melhor do mundo, fato comprovado histórica e estatisticamente e referendado pelos outros torcedores.

Vide "L'Équipe", o principal esportivo francês, de ontem: manchete de capa e foto gigante para a chegada à Alemanha dos "prodígios brasileiros", "uma chuva de estrelas".

A paixão reflete-se na frenesi com que a mídia acompanha a seleção. Vou tirar foto para a credencial. Dos cinco postos de fotografia, três estão ocupados por brasileiros.

O posto do centro de imprensa anuncia uma sinopse dos diários brasileiros. Só dos brasileiros, apesar de 150 países terem pelo menos um jornalista credenciado.

Por lá, desfilam os mais variados sotaques do português, nenhum de Portugal (ou Angola).

Aparece até uma camiseta verde-e-amarela anunciando a Rádio Liberdade, diretamente de

Caruaru, no quente interior pernambucano, para o friozinho da sempre traiçoeira primavera alemã.

**E-mail:** [crossi@uol.com.br](mailto:crossi@uol.com.br)

**Folhaonline.**

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u102768.shtml>. Acesso: 10 jun. 2006.

## Resenha crítica

Trata-se da apresentação de uma obra (livro, filme, espetáculo, peça teatral, CD etc). Além da sua descrição, a resenha crítica traz uma análise de seus pontos favoráveis e/ou desfavoráveis, segundo a opinião do resenhista.

[Veja exemplo.](#)

Pop-up: [Exemplo de Resenha Crítica](#)



### Mistura de classes sociais

Menino da zona sul é filho único, tem todo o dinheiro do mundo, casa com piscina e cursos o dia inteiro. Menino da favela trabalha no farol fazendo malabarismo, tem vários irmãos e amigos. Quem tem mais chances de ser feliz? "No Meio da Rua", novo filme de Antônio Carlos da Fontoura, diretor de filmes como "Rainha Diaba" (1974) e "Espelho de Carne" (1984), é um longa otimista sobre o encontro entre a classe abastada e os marginalizados a partir da amizade entre dois garotos.

Trata-se da história de Leonardo (Guilherme Vieira), 10 anos, típico garoto rico que tem toda sua agenda programada com cursos de inglês, tênis, informática, e que não encontra tempo para brincar ou se divertir. Já Kiko (Cleslay Delfino), da mesma idade, passa o dia fazendo malabarismos no farol para ajudar nas despesas da casa, que divide com seus irmãos e sua mãe, e tem amigos com quem brincar. Quando o motorista de Leonardo passa pelo farol de Kiko, os meninos começam uma conversa sobre o jogo eletrônico que Leo está segurando. O garoto empresta o videogame a Kiko, que promete devolver no dia seguinte. Em casa, repreendido pela mãe por ter "deixado que roubassem" o presente que o pai lhe trouxe do exterior, Leo decide fugir e não voltar até provar que o amigo não havia lhe roubado, mas o imprevisto é que o jogo foi tomado de Kiko por dois olheiros do tráfico. Convivendo com o garoto na favela, Leo aprenderá a ser criança e a aproveitar a vida e sua liberdade.

Com cenas rodadas na favela do Vidigal, Rio de Janeiro, o filme foi inspirado em uma situação real vivida pelo próprio diretor. Fontoura diz que seu filho Daniel (hoje produtor de locação), quando tinha mais ou menos 10 anos, perguntou-lhe por que havia crianças vendendo balas nos cruzamentos. O pai respondeu que faziam aquilo para ganhar dinheiro e, dias depois, Daniel foi encontrado ajudando os garotos de rua a venderem seus doces nos semáforos. A partir daí surgiu a idéia de justapor esses dois mundos, mas sem

resultar em conflitos, de maneira que fosse possível ver o lado bom da experiência.

Os destaques ficam por conta dos atores mirins Guilherme e Cleslay que, apesar de novos, conseguem desempenhar com bastante emoção seus personagens. Cleslay foi selecionado no Morro dos Prazeres após um mês de pesquisas em diversas favelas. O filme conta ainda com a participação especial do malabarista chileno Diego Ahumada, que criou uma ONG que trabalha com artes em comunidades carentes. O elenco traz também Tarcísio Filho e Flávia Alessandra.

**No Meio da Rua** (Brasil, 2005, 89 min.)

**Distribuidora:** Film Connection

**Elenco:** Guilherme Vieira, Cleslay Delfino, Tarcísio Filho, Flávia Alessandra

**Estréia:** 23 de junho

**Revista de Cinema.** Disponível em:

<[http://www2.uol.com.br/revistadecinema/edicao67/em\\_cartaz/emcartaz\\_01.shtml](http://www2.uol.com.br/revistadecinema/edicao67/em_cartaz/emcartaz_01.shtml)>.

Acesso em: 13 jul. 2006.

## Carta do leitor

Texto em que o leitor de um determinado jornal ou revista manifesta seu ponto de vista sobre um determinado assunto; ou sobre artigos, reportagens publicados pelo veículo em edições anteriores.

[Veja exemplo.](#)

Pop-up: [Exemplo Carta do Leitor](#)

**Palavra do Leitor**

7/7/2006

**Futebol, educação e crianças**

Passada a Copa do Mundo para o Brasil, seria bom que pais e educadores infantis aproveitassem a oportunidade para explicar às crianças que o futebol, antes de mais nada, é um jogo, e isso significa dizer que num jogo as regras devem ser obedecidas e, num jogo, seja ele de que tipo for, os resultados são imprevisíveis, ou seja, se ganha ou se perde. Ante a enorme "decepção" das crianças, vista e mostrada pela mídia pela derrota da seleção brasileira na Copa do Mundo de Futebol, faltou falar às crianças que perder uma partida de futebol também faz parte do jogo. As verdades da vida devem ser sempre ensinadas às crianças que serão o futuro da Nação. Não podemos "proteger" nossos filhos com mentiras ou retóricas, ninguém é invencível. A postura correta neste caso seria mostrar às crianças o valor do patriotismo através do exemplo do esporte, como o futebol, e que mesmo sendo um esporte magnífico de integração, acima de tudo também é um jogo. (Newton Bittencourt dos Santos, Porto Alegre - newton@ufrgs.br)

**Jornal do Comércio.**

Disponível em: <http://jcrs.uol.com.br/noticias.aspx?pCodigoArea=49>. Acesso em: 10 jul. 2006.

## Divulgação científica

Textos de caráter informativo, de linguagem acessível e que têm como principal finalidade divulgar para o grande público as descobertas mais recentes no campo das ciências. Por

exemplo, um tema que se encontra em vários jornais e revistas, atualmente, é a utilização de células-tronco em portadores de deficiências físicas.

[Veja exemplo.](#)

Pop-up: [Exemplo Divulgação Científica](#)



### **Rumo ao Parque dos Dinossauros**

#### **Cientistas estão perto de reconstruir o genoma de um dos primeiros mamíferos, um pequeno animal que viveu na época dos dinossauros**

Por Marcelo Cabral

Você já ouviu falar no Boreoeutherian ancestral? Talvez não, mas você tem dois bons motivos para conhecê-lo. O primeiro é que ele é um ancestral seu (e de quase todos os mamíferos). O segundo é que talvez você possa visitá-lo em um zoológico. O engenheiro biomolecular David Haussler e seu grupo da Universidade da Califórnia, EUA, criou o que parecia impossível: uma técnica para reconstruir o genoma desse animal, extinto há 70 milhões de anos. Teoricamente, a descoberta pode levar à clonagem do animal - algo que ainda estamos muito longe de fazer, mas que deve ser possível daqui a várias décadas. Seria algo parecido com o filme O Parque dos Dinossauros, em que cientistas usam sangue de dinossauro preservado em âmbar para reconstruir os bichões. A diferença é que, na vida real, encontrar isso é impossível: o DNA se decompõe em pouco tempo. O que Haussler está fazendo é apelar para computadores e reconstruir a evolução de trás para a frente. A técnica consiste em comparar o DNA dos mamíferos modernos em busca de seqüências genéticas em comum: os trechos em comum provavelmente vieram do animal que deu origem a todos eles. Os cientistas acreditam que, assim, reconstruirão o genoma do B. ancestral com 98% de exatidão - de longe, o mais preciso a que já se chegou, mas que ainda deixa margem para 120 milhões de erros que poderiam levar a mutações. É por isso que, segundo Haussler, o objetivo por enquanto é mais entender a evolução genética dos mamíferos do que reconstruir esse animal. A pesquisa pode ajudar a entender, por exemplo, por que os humanos são suscetíveis a algumas doenças que parecem não atacar outros animais. Mas, no dia em que tivermos um mapa detalhado, experiências para reconstruir o bicho parecerão inevitáveis.

#### **Pai de todos**

Como um animal deu origem a quase todos os mamíferos - e o caminho para reconstruí-lo.

Há cerca de 70 milhões de anos - 5 milhões de anos antes de os dinossauros desaparecerem do planeta -, viveu esse pequeno animal peludo e de hábitos noturnos. Era o Boreoeutherian ancestral, o animal que deu origem a todos os mamíferos que nascem em placentas (cangurus e coalas não estão nesse grupo). Dele evoluíram diversos animais - e é analisando as semelhanças entre todos eles que os cientistas pretendem rebobinar a evolução e reconstruir o seu genoma.

Publicado na Edição 228 - 07/2006

**Superinteressante.**

Disponível em: [http://super.abril.com.br/super/novas/conteudo\\_144617.shtml](http://super.abril.com.br/super/novas/conteudo_144617.shtml).

Acesso em: 8 jul. 2006.



**Não esquecer!**

- A noção de gênero textual é importante para uma boa interpretação e produção de texto.
- A estrutura de todo texto é determinada, em grande parte, pela situação de comunicação.
- Para se interpretar bem textos da mídia, é preciso conhecer previamente os gêneros com que trabalha.



## Referência Bibliográfica

BAKHTIN, Mikhail. **Esthétique de la création verbale**. Paris: Gallimard, 1984, p.285.

## Bibliografia

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, P. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004, p.249-251.

FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Tradução MAGNE B. C. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1994.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. Tradução Souza-e-Silva, C. P.; ROCHA, D. São Paulo: Cortez, 2001.

POSSENTI, S. **Os limites do discurso**. Ensaios sobre discurso e sujeito. Curitiba: Criar Edições, 2002.

SMITH, F. **Leitura significativa**. Tradução Neves, B. A. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1999.

## Referências Sitográficas

**Folhaonline**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/ult508u307.shtml>. Acesso em: 13 jul. 2006.

### Folhaonline.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u102768.shtml>. Acesso: 10 jun. 2006.

### Jornal do Comércio.

Disponível em: <http://jcrs.uol.com.br/noticias.aspx?pCodigoArea=49>. Acesso em: 10 jul. 2006.

### Superinteressante

Disponível em: [http://super.abril.com.br/super/novas/conteudo\\_144617.shtml](http://super.abril.com.br/super/novas/conteudo_144617.shtml). Acesso em: 8 jul. 2006.

### Jornal do Brasil. JBoonline.

Disponível em: <http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/editorialistas/2006/04/14/joredl20060414001.html>. Acesso: 12 jul. 2006.

### Revista Globo Rural.

Disponível em: <http://revistagloborural.globo.com/GloboRural/0,,EEC805105-2344,00.html>. Acesso em: 12 jul. 2006.

**Folha de São Paulo**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/>. Acesso em: 12 jul. 2006.

**PÁGINA 20**. Disponível em: [http://www2.uol.com.br/pagina20/12072006/c\\_0612072006.htm](http://www2.uol.com.br/pagina20/12072006/c_0612072006.htm). Acesso em: 14 jul. 2006.

### Revista de Cinema.

Disponível em: [http://www2.uol.com.br/revistadecinema/edicao67/em\\_cartaz/emcartaz\\_01.shtml](http://www2.uol.com.br/revistadecinema/edicao67/em_cartaz/emcartaz_01.shtml). Acesso em: 13 jul. 2006.

## Módulo 3 – GÊNEROS TEXTUAIS IMPRESSOS

### 3º Etapa: Formando Leitores e Autores – *Íntegra do texto*

## FORMANDO LEITORES E AUTORES

Hoje, na área do ensino-aprendizagem, considera-se a linguagem como uma ação entre indivíduos orientada por um objetivo específico. Homens e mulheres interagem socialmente, sempre através de um gênero: conversa informal, cartas pessoais, poemas, relatórios profissionais, ensaios acadêmicos, e, também, através de gêneros da mídia impressa.

Cada uma dessas interações depende das condições em que ocorrem: características sociais dos envolvidos, sob que pontos de vista se expressam, com que finalidade, em que suporte (papel, on-line, rádio, TV ...) e de que lugar falam.

O ensino-aprendizagem da linguagem não pode desconsiderar essas questões que, em última análise, determinam o gênero dos textos.

É nesse sentido que os Parâmetros Curriculares Nacionais afirmam que:

Todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam. Os gêneros são, portanto, determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura. São caracterizados por três elementos:

- o conteúdo temático: o que é ou pode tornar-se dizível por meio do gênero;
- a construção composicional: estrutura particular dos textos pertencentes ao gênero;
- o estilo: configuráveis específicas das unidades de linguagem derivadas, sobretudo, da posição enunciativa do locutor; conjuntos particulares de seqüências que compõem o texto etc.

Fonte: PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais 5ª. a 8ª. Séries – vol.2, Língua Portuguesa, p.21 – MEC



### **Você sabia que...**

os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN – estão disponíveis na íntegra no projeto Domínio Público, do MEC? Para acessá-los, clique em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp>.



### **TRABALHO FINAL DESTE MÓDULO**

Antes de realizar seu trabalho final, conheça experiências de professores que aplicaram as diretrizes didático-pedagógicas dos PCNs, no ensino fundamental, em diversas disciplinas. Seus relatos estão disponíveis em: [http://novaescola.abril.uol.com.br/index.htm?PCNs/pcn\\_indice](http://novaescola.abril.uol.com.br/index.htm?PCNs/pcn_indice).

Ao abrir o site, você encontrará a listagem das disciplinas que compõem os PCNs. Escolha a disciplina com a qual você trabalha na escola. Por exemplo: o de língua portuguesa traz relatos de experiências em sala de aula e proposição de atividades utilizando gêneros textuais. Leia esses documentos com atenção. Eles podem ajudá-lo(a) a realizar o trabalho de conclusão deste módulo.



## **Bibliografia**

BRANDÃO, H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

DUBOIS et al. **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 1993.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

## **Sitografia**

**Parâmetros Curriculares Nacionais**. Disponível em:  
<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp>. Acesso em: 18 jul 2006.

**TV Escola**. Disponível em: [www.mec.gov.br/seed/tvescola](http://www.mec.gov.br/seed/tvescola). Acesso em: 18 maio 2006.

**Revista Nova Escola On-line**. Disponível em:  
[http://novaescola.abril.uol.com.br/index.htm?PCNs/pcn\\_indice](http://novaescola.abril.uol.com.br/index.htm?PCNs/pcn_indice). Acesso em: 18 maio 2006.

### Créditos

#### Equipe Técnica da SEED

**Viviane de Paula Viana**  
Diretora de Produção e Capacitação de Programas em EAD  
**Patrícia Vilas Boas**  
Coordenadora-Geral de Capacitação e Formação em EAD  
**Alexandre Mathias Pedro**  
Coordenação do Programa

#### Equipe Técnica de Implementação e Acompanhamento

**Angela Maria Martins**  
**Francisco Roberto Vasconcelos Lima**  
**Luciana dos Santos**

#### Ronara de Castro Azevedo Alcântara

**Stela Fontes Ferreira da Cunha**  
**Vania Barbosa**  
Coordenação Acadêmica

**Dóris Santos de Faria**  
Coordenação de Avaliação

**Aloyson Gregório de Toledo Pindo - CEAD/Unb**  
**Helena Dimitrios Cristakou - SEEDF-CEAD/Unb**

#### Módulo 3 - Gêneros Textuais

#### Equipe de Coordenação

**Sandra Lopes Monteiro – UFPR**  
Coordenação Pedagógica

**Sandramara S K de Paula Soares - UFPR**  
**Silvia Teresa Sparano Reich - UFPR**  
Coordenação Técnica e de EaD

#### Autores

**Sandra Lopes Monteiro – UFPR**  
Autora responsável

**Maria Fernanda de Araújo Lisboa**  
**Miriam Parker Machado Ficinski Dunin**  
Colaboradoras

#### Equipe Técnica

**Felipe Latif Mechailech**  
Computação gráfica

**Rosângela Luiz da Silva**  
Revisão geral